



# O ESTÁGIO SUPERVISIONADO ENQUANTO CAMINHO PARA COMPREENDER A RELAÇÃO TEORIA/PRÁTICA: UM OLHAR A PARTIR DOS SABERES OUTROS DOS DISCENTES

Maria Girlene Callado da Silva; Maria Iveni de Lima Silva

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA E-mail: [girlenecallado@hotmail.com](mailto:girlenecallado@hotmail.com)

Universidade Federal de Pernambuco-UFPE/ CAA E-mail [ivenilima@gmail.com](mailto:ivenilima@gmail.com)

## Resumo:

Este trabalho é fruto do resultado e das discussões abordada no projeto da disciplina Estágio Supervisionado do Ensino fundamental, realizado no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste, UFPE/CAA, o qual foi realizado em uma turma do 4º ano escola “Anexo”, localizada no município da Lagoa dos Gatos- PE. A escolha por esta turma foi condicionada pela gestora da instituição “Anexo” pelos seguintes critérios: a) por ser uma turma de maior quantidade de alunos; b) por ser uma turma muito dispersa, requerendo mais atenção. Nossos objetivos estão direcionados ao estabelecimento da regência para aprendizagem dos discentes. Nesse contexto, nosso objetivo geral se constitui em: compreender a importância do lugar de vivência para os sujeitos. Desse modo, nossos objetivos específicos foram: a) apresentar elementos constituintes da cultura campesina; b) apresentar elementos constituintes da cultura urbana; c) trabalhar os elementos constituintes do campo e da cidade de forma a valorizar os territórios de vivências dos sujeitos, bem como a refletir sobre as questões de diferença. Nesse sentido, além da introdução, nosso trabalho está dividido em compreensões sobre: 1) Percurso Teórico- Metodológico: desenvolvimento da regência; 2) A importância do Estágio Supervisionado e a interação entre Teoria e Prática; 3) nossas considerações finais. Este trabalho é de natureza qualitativa, pois “está interessada na perspectiva dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo” (FLICK, 2009, p.16, grifo nosso). Utilizamos a observação participante para podermos interagir com a turma, como também na realização da regência. Os recursos utilizados para a explanação das regências foram: imagens, mapa, Datashow, computador, papel, lápis comum e de cor. Assim, na realização desta regência e explanação dos objetivos traçados, pudemos esclarecer alguns preconceitos pré-estabelecidos socialmente sobre as diferenças entre campo e cidade, explanando também a importância do respeito e valorização dos espaços de vivência e dos saberes que os alunos já possuem.

**Palavras-Chave:** Estágio Supervisionado, Regência, Teoria e Prática.

## INTRODUÇÃO:

Este trabalho é fruto do projeto realizado e apresentado no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste, UFPE/CAA, na disciplina



Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental, o qual foi realizado em uma turma do 4º ano escola “Anexo”, localizada no município da Lagoa dos Gatos- PE. A escolha por esta turma foi condicionada pela gestora da instituição “Anexo”, pelos seguintes critérios: a) por ser uma turma de maior quantidade de alunos; b) por ser uma turma muito dispersa, requerendo mais atenção.

O projeto se constitui na elaboração de um plano de aula cujo tema despertasse um olhar crítico nos alunos. Em diálogo com a professora sugerimos um tema que abordasse compreensões sobre o lugar de vivência. Assim, por compreendermos que o município possui uma vasta extensão territorial campesina, como também muitos dos alunos da instituição são moradores do campo, abordamos um planejamento-aula sobre a importância do lugar de vivência dos sujeitos, um olhar sobre o território Campesino e o território Urbano.

Assim, nosso objetivo geral se constitui em: compreender a importância do lugar de vivência para os sujeitos. Nossos objetivos específicos foram: a) apresentar elementos constituintes da cultura campesina; b) apresentar elementos constituintes da cultura urbana; c) trabalhar os elementos constituintes do campo e da cidade de forma a valorizar os territórios de vivências dos sujeitos, bem como a refletir sobre as questões de diferença.

Nesse sentido, além da introdução, nosso trabalho está dividido em compreensões sobre: 1) Percurso Teórico-Metodológico: desenvolvimento da regência; 2) A importância do Estágio Supervisionado e a interação entre Teoria e Prática; 3) por fim nossas considerações finais.

## **1- PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO: desenvolvimento da regência**

Este trabalho é de natureza qualitativa, pois “está interessada na perspectiva dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo” (FLICK, 2009, p.16, grifo nosso). Utilizamos a observação participante para podermos interagir com a turma, como também na realização da regência, pois a observação participante “permite ao investigador possibilitar colocar interrogações que vão sendo discutida durante o processo de trabalho de campo, ela elimina questões irrelevantes, dá ênfase a determinados aspectos que surgem empiricamente e reformula hipóteses iniciais e provisórias” (MINAYO, 2000, 78, grifo nosso). Os recursos utilizados para a explanação das regências foram: imagens, mapa, Datashow, computador, papel, lápis comum e de cor.

Iniciamos o desenvolvimento da regência com um diálogo e indagações com os/as alunos/as sobre o lugar de vivência dos mesmos, em seguida, pedimos para que os/as alunos/as fizessem um

desenho sobre o lugar em que eles moram. Após a realização pedimos para cada aluno/a expor o seu desenho e explicar a importância sobre cada lugar retratado. Neste momento, buscamos desenvolver os objetivos traçados na realização desta regência, para tanto, compreendemos como crucial o primeiro momento (realização dos desenhos sobre o lugar de vivência) para trabalharmos compreensões de valorização e pertencimento da identidade do lugar em que vivem.

Dessa forma, expomos imagens, inicialmente, sobre o campo, trabalhando a compreensão sobre: a) campo como lugar de saberes; campo comunidade; campo agrícola; campo paisagem; estruturas históricas locais; festas culturais/religiosas; dentre outros elementos que os próprios alunos foram levantando para o debate em sala.

Assim, com a exposição das imagens e do mapa do município pudemos explanar sobre a importância do território campestre como lugar territorial-epistêmico-político-étnico-cultural, da importância de fortalecermos a identidade campestre dos sujeitos, como também de valorizarmos o território campestre como parte do município e não como uma extensão isolada.

No segundo momento, expomos a compreensões sobre o espaço urbano, os lugares institucionais de educação, justiça, política; as festas tradicionais, dentre outros elementos que foram surgindo no debate. Com as imagens do território urbano e a exposição do mapa, exploramos compreensões sobre suas semelhanças e diferenças do campo, porém abordando a importância sobre cada diferença, discutindo as características físicas, sociais e econômicas, abordando a temática das relações de respeito e valorização do espaço-vivência.

A utilização de desenho em sala de aula permite que o professor trabalhe com os alunos vários conhecimentos geográficos, culturais, regionais, dentre outros que são de fundamental para a compreensão e uso da linguagem cartográfica. Como também além das possibilidades de diálogos, os desenhos representam uma maneira de conhecimento, dos sujeitos se sentirem parte do processo de aprendizagem.

## **2- A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: interação entre teoria e prática**

Nosso trabalho está pautado a partir das observações feitas no estágio supervisionado, onde o mesmo nos proporciona uma aproximação com uma das possibilidades de nossa atuação, a sala de aula, pois é no estágio que encontramos a relação entre “teoria e prática”. Entendemos que o Estágio Supervisionado é muito mais do que o cumprimento de uma exigência acadêmica, se trata

de uma experiência, de uma oportunidade de vivência na área da educação. É também um momento de crescimento pessoal e profissional, uma oportunidade para muitos que não atuam na área de perceber aquilo que está só nas expectativas, e nos conhecimentos adquiridos academicamente.

No estágio supervisionando em ensino fundamental, compreendemos que é preciso ir além de uma simples observação, é ter também uma postura ética e saber o que observar. Pois, entendemos que observar é perceber os detalhes, as ações, aspectos visuais e atitudinais, onde são elementares para desvelar o cotidiano, uma observação significativa, do que pretendíamos observar e conseqüentemente teremos outro olhar acerca dos sujeitos em geral.

Diante do exposto, entende-se que, o aporte teórico é um elemento muito importante para a formação profissional do estagiário. Assim, o aporte teórico está na ligação dos conhecimentos apreendidos, do momento da vivência do/a estagiário/a na prática cotidiana da sala de aula, juntamente com nossas observações. Sendo assim entendemos que o estágio realiza uma relação entre os conhecimentos adquiridos na formação acadêmica, com os conhecimentos que estão sendo vivenciados.

Onde a partir das observações “o arsenal de informações” coletadas de diversas formas, exige de quem observa organização e objetivos definidos, não se desviando do seu foco, como também não se deixando guiar por opiniões, influências, sentimentos, dentre outros aspectos, uma vez que, o observador seja capaz de resgatar as informações necessárias e as que sejam importantes. Assim, a observação é uma ferramenta importante para a coleta de dados, e esta coleta deve ser o mais fiel possível da realidade que a compõe, ou seja, cabendo ao observador entender os fatos fielmente para que não ocorram interpretações equivocadas que possa comprometer a validade da pesquisa. Pois, a observação deve estar alicerçada em experiências observadas e bases teóricas.

Nesse contexto, também precisamos ressaltar compreensões sobre a práxis, pois na sala estamos a todo momento exercendo a relação de teoria e prática, o autor Vasquez (1977), aloca que: “toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis” ( p.185). Assim, a práxis é uma prática reflexiva na qual o professor reflete sobre sua prática. E a prática é uma atividade intimamente ligada à teoria, onde pode ser também uma prática utilitária que se preocupa com uma única forma, ou seja, na ação docente onde não vai existir o diálogo numa perspectiva social.

A práxis ela então é material fundamentada numa atividade que dialoga, onde o fazer em sala produz transformações. Pois o professor pode proporcionar ao aluno momentos em que, se sintam motivados sempre a questionar o/a professor/a, para que a partir desse questionamento, ele possa transformar o espaço em que atua. Para Vasquez (1977), “Se o homem aceitasse sempre o

mundo como ele é, por outro lado aceitasse sempre a si mesmo em seu estado atual, não se sentiria a necessidade de transformar o mundo nem de transformar-se” (p.192). Comprendemos assim que é importante um ambiente que proporcione diálogos onde os alunos se sintam motivados, a questionar, a ter um olhar mais crítico com os conhecimentos.

A atividade só acontece quando o trabalho do professor é realizado para atender de forma satisfatória, alcançando os objetivos almejados. Assim a atividade é práxis quando age numa perspectiva de transformação, tendo uma intencionalidade, pois é através da sua prática docente que o professor realiza seu trabalho.

A prática ela é constituída de saberes, há então uma prática que ela é subjetiva e teórica, ou seja, o professor tem sua prática, e essa é subjetiva, e essa prática pode ser coletiva, porque o pensar se constrói no diálogo também. Assim, comprendemos que a prática está atrelada a uma concepção de atividade, de ação de fazer, mais que “esse fazer não é qualquer fazer”. As atividades realizadas na sala de aula tem que proporcionar finalidades específicas, que atenda a necessidade do aluno, para uma intencionalidade com isso, Vasquez aloca que:

A atividade humana é, por conseguinte, atividade que se desenvolve de acordo com as finalidades, e essas só existe através do homem, como produtos de sua consciência. Toda ação verdadeiramente humana requer certa consciência de uma finalidade que se sujeita ao curso da própria atividade (1977, p.189).

Assim a práxis está imbricada a um planejamento e a uma finalidade, que por sua vez envolve uma reflexão sobre sua ação, sobre as possibilidades de melhorias para sua ação, onde a práxis é um caminho de constantes idas e vindas até chegar ao produto real. Assim a práxis configura-se em uma ação, assim como a prática, no entanto, esta ação é planejada. Como afere Vasquez (1977), antes de executar a construção ele a projeta em seu cérebro, e por tal o produto existe duas vezes: uma, quando projetada mentalmente, e outra o produto real.

Convém salientar que a práxis é uma atividade que implica não apenas as dimensões objetivas, mas também subjetiva da atividade. Segundo Vasquez (1977), “a práxis é um ato ou um conjunto de atos, em virtude, do qual um sujeito modifica uma determinada matéria – prima” (p.186). Contudo, a práxis não é apenas atividade social transformadora da natureza, da criação de objetos e instrumentos, mas é atividade transformadora do próprio homem que transforma o mundo e a si mesmo neste processo.



Compreende-se então que essas duas concepções estão intrínsecas, e que há um ligamento entre práxis e prática, alimentando os processos educativos presentes no espaço escolar, que se desmembram em outros conceitos: prática pedagógica, docente e de ensino.

Nesse contexto, inserimos que as regências realizadas foram possibilidades na aproximação da ação docente, onde possibilitou ampliações no conhecimento acerca: do tempo pedagógico, enquanto prática de ensino e enquanto possibilidade de entendermos a prática na dimensão da práxis. Pois, o tempo pedagógico é tempo de formação e de aprendizagens mútuas.

Assim, evidenciamos que, a sala de aula é constituída de movimentos, onde entendemos que o professor tem um planejamento e um tempo cronológico, mas também habilidades, pois no momento da aula surgem outros elementos que possibilitam a interação que envolve saberes outros e acontecimentos que não estavam previstos e nem planejados. Nesse sentido, compreendemos a prática de ensino não só como utilidade, o fazer, a ação, mas reflexão sobre o que se está sendo vivenciado e os constantes caminhos e descaminhos.

Para tanto, também ressaltamos compreensões sobre as dimensões das práticas como: Prática Docente; Prática Pedagógica; Prática de Ensino e a Prática Educativa. Pois, para muitos a prática docente e a prática pedagógica é a mesma coisa, e na busca desse entendimento iremos desmembrar essa compreensão a partir de leituras e de compreensões a cerca dos estudos desenvolvidos durante o processo de formação. A prática pedagógica tem como objetivo a formação do professor, em que sua importância é perceptível nesse processo, mas que não é única e decisiva. Nesse sentido, Souza diz que:

A formação de um professor também não provém da ação, ainda que conjunta, de docentes da Educação Superior, mas da *práxis* pedagógica de várias instituições formadoras e de muitas outras experiências formativas que vai vivendo ao longo da vida e de seus ambientes culturais (2006, p.7).

Um ambiente que expressa uma práxis pedagógica, sem dúvida é a sala de aula, na medida em que pode ser um ambiente onde não se restringe apenas a ação do/a professor/a, seria pensar em uma práxis pedagógica uma formação do/a aluno/a nos seus mais diversos âmbitos (social, cultural, cognitivo, dentre outros), ou seja, a práxis pedagógica ela é uma ação formadora em um conjunto, no todo. Nesse contexto, Imbert (2003) afirma “que a práxis pedagógica visa o imbricamento entre o que o/a aluno/a aprende entre as quatro paredes da sala de aula e o seu mundo social, de modo a viabilizar a autonomia do/a aluno/a no processo de ensino-aprendizagem”. Sendo então a práxis

pedagógica mais voltada no sentido do contexto social. E segundo Souza, a prática pedagógica é mais mecânica.

A Prática pedagógica realiza-se por meio de sua ação científica sobre a práxis educativa, visando compreendê-la, explicitá-la a seus protagonistas, transformá-la mediante um processo de conscientização de seus participantes. Com isso, Souza (2006) aloca que:

Percebendo a complexidade da sala de aula e sua inserção na instituição escolar e num determinado contexto cultural, reduz a prática pedagógica à ação docente em sala de aula. Não será atribuir demasiado peso à ação docente e esquecer a contribuição à formação humana do sujeito humano é responsabilidade da agência formadora, portanto da instituição, e não apenas de um docente ou do conjunto de seus educadores? E mais: para a realização da ação docente, supõem-se a ação do discente e a ação de produção do conhecimento ou o trabalho com os conteúdos (p.9).

Convém salientarmos que a prática pedagógica enquanto práxis pedagógica se dá pelo fato desta não se restringir, unicamente, ao plano das ações, mas configura-se na reflexão sobre a ação, onde os sujeitos inseridos neste processo modificam o meio e também se transformam.

Na práxis produtiva o professor proporciona e realiza atividades com os alunos que atendam as suas necessidades, as atividades que dialoguem com o mundo, e não se limitem apenas a o espaço da sala de aula. Vasquez aloca que:

A práxis produtiva é assim a práxis fundamental porque nela o homem não só produz um mundo humano ou humanizado, no sentido de um mundo de objetos que satisfazem necessidades humanas e que só podem ser produzidos na medida em que se plasmam neles finalidades ou projetos humanos, como também no sentido de que na práxis produtiva o homem se produz, de forma ou transforma a si mesmo (1977, p.197-198).

A práxis pedagógica está inserida na prática docente, onde envolve o conjunto de atividades que o/a professor/a utiliza em consonância com dimensão de saberes científicos que o mesmo absorveu em sua formação. Vale salientar que este profissional ao refletir sobre a sua prática adentra na práxis docente, ou seja, a atividade reflexiva sobre a própria prática.

A prática docente é a prática em sala de aula, é o fazer que se contextualize em um fazer subjetivo, com uma teoria que é subjetiva e coletiva, envolvida no diálogo com o outro professor e ainda acrescentamos que com o aluno também. Que nesse sentido vai depender também da “cultura institucional”, onde esse diálogo pode ser proporcionado, incentivado, e no intercâmbio entre os

professores e não a realização de uma prática solitária. Se realizando em prática, no coletivo e é um fazer do professor / é o fazer do professor- um fazer que diz respeito ao meu sentido que atribuo no fazer. A prática docente é uma das dimensões da prática pedagógica, com isso Souza afirma que:

A prática docente é apenas uma das dimensões da prática pedagógica interconectada com a prática gestora, a prática discente e a prática gnosiológica e/ou epistemológica. A prática pedagógica inclui a prática docente, mas não se reduz... (2006, p.8).

A práxis docente como está presente na atuação do/professor/a quando este/a se propõe assumir uma postura crítico-reflexiva, e tendo como ponto de partida o/a aluno/a em sua completude, a prática educativa se delinea, também, na ação, nos processos de ensino e aprendizagem que derivam do ato educativo (LIMA, 2002).

A formação de um sujeito depende de interconexões de diversas práticas, interações de diferentes sujeitos. É organizado, num determinado contexto cultural, com a finalidade de construir conhecimento e conteúdos pedagógicos, contribuindo para formação de sujeitos sociais e profissionais. Souza define práxis pedagógica como a:

[...] inter-relação de práticas de sujeitos sociais formadores que objetivam a formação de sujeitos que desejam ser educados (sujeitos em formação) respondendo aos requerimentos de uma determinada sociedade em um momento determinado de sua história, produzindo conhecimentos que ajudem a compreender e atuar nessa mesma sociedade e na realização humana dos seus objetivos (2006, p.11).

Concernente a Prática de Ensino representa o fio condutor do trabalho do/a educador/a, uma vez que está atrelado com o conjunto de ações que este/a desenvolve referente ao processo de ensino-aprendizagem dos/as alunos/as. No entanto este conjunto de ações necessita estar atrelado a uma ação reflexiva: o pensar sobre a ação, se o caminho que se está percorrendo é adequado, se não é quais caminhos outros são possíveis, este pensar se configura como uma revisita ao que está sendo e foi realizado.

Deste modo a Prática de Ensino não é meramente aplicação ou reprodução de conhecimento científico e pedagógica, mas é num processo de reflexão/criação na qual nossos conhecimentos vão sendo resignificados conjuntamente no processo de ensino-aprendizagem. Nesta acepção a prática de ensino é dinâmica, e por tal não pode se reduzir ao momento a que se



produzem os processos educacionais na aula, tem-se, primordialmente “um antes e um depois que constituem as peças substanciais da prática de ensino” (LIBÂNEO, 1994). O discurso não é isolado. Ele é produzido na prática e na observação em todos os sentidos.

Prática educativa está ligada as práticas sociais, pois só se tornarão educativas pela explicação, compreensão, uma tomada de consciência de sua objetiva tarefa da investigação científica na educação. “... ao falarmos de práticas educativas, estamos referindo-nos a práticas que ocorrem para a concretização de processos educacionais.” (FRANCO, 2012, p.152).

A educação tem como principal função a construção humana do sujeito humano. A formação seja em quaisquer níveis, não é resultado de uma prática docente, mas resulta em um conjunto de práticas (SOUZA, 2006). Há um modelo de educação que é desejável, em que a sociedade seja capaz de criar condições para que todos vivam num contexto de diversidade cultural. Segundo Franco:

Caberá à Didática adentrar a complexidade, superar sua tradição normativa e renova-se com as cores do novo mundo. É preciso haver um espaço para que as diferentes culturas se sintam acolhidas e trabalhadas didaticamente; é preciso que as diferentes classes sociais e culturais se sintam incluídas, tendo suas diferenças respeitadas; é preciso que os diferentes *timings* de aprender sejam respeitados e valorizados (2012, p.171).

A sala de aula é um espaço, onde o professor no decorrer de sua prática docente se depara com uma diversidade cultural muito vasta, cabe à ele em sua metodologia, conteúdos e ações que elenquem essas diferenças, para que seus alunos se sintam acolhidos, incluídos, respeitados e valorizados.

A Didática foca no ensino escolar, ela solicita um planejamento e ao planejar o ensino, é esperado determinada aprendizagem. Em múltiplos ensinamentos ocorrem às aprendizagens, tanto no ensino escolar, quanto na vida das pessoas. Para isso a Didática enfrenta o desafio de tornar o ensino agradável em todos os meios. Segundo Franco:

[...] planeja-se o ensino na intencionalidade da aprendizagem futura do aluno. O grande desafio da Didática tem sido a impossibilidade de controle ou previsão da qualidade e da especificidade das aprendizagens que decorrem de determinadas situações de ensino (2012, p.149).

É necessário que os professores tenham em mãos, um plano, que apenas oriente seu trabalho, mas que garanta a qualidade e melhoria do ensino. Com isso, o ato de planejar constitui um instrumento, que organiza e estrutura a ação educativa na escola, sendo a escola responsável em proporcionar situações de ensino aprendizagem que atendam a s especificidades dos alunos.

### 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na explanação das regências, observamos o quanto é importante retratarmos um tema em sala de aula de forma crítica, pois os alunos tiveram oportunidade de expor suas emoções, sensações e opiniões a partir do lugar em que vivem. Este muitas vezes é entendido apenas como lugar de moradia, e/ou de atraso (como é o caso do campo).

Assim, na realização desta regência e explanação dos objetivos traçados, pudemos esclarecer alguns preconceitos pré-estabelecidos socialmente sobre as diferenças entre campo e cidade, explanando também a importância do respeito e valorização dos espaços de vivência e dos saberes que os alunos já possuem.

Dessa forma, é importante que o aluno conheça outras culturas, as diferentes histórias vividas pela humanidade, estabelecendo relações de tempos e espaços diferentes. Como também conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças culturais, étnicas, de idade, religião, costumes, gêneros e políticos.

### REFERÊNCIAS:

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artemed, 2009.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente** -1ed. São Paulo: Cortez, 2012.

IMBERT, Francis. **Para uma práxis pedagógica**. Brasília. Palno Editora. 2003.

LIBÂNEO. José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. Cap.8. p. 177-194.

LIMA, Maria S. L. e SALES, Josete de O. C. B. **Aprendiz da prática docente - a didática no exercício do magistério**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O DESAFIO DO CONHECIMENTO: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. SÉTIMA EDIÇÃO: HUCITEC-ABRASCO; São Paulo - Rio de Janeiro, 2000.

SOUZA, João Francisco. **Prática pedagógica e formação de professores**. Ensaio para concorrer ao cargo de professor titular. UFPE, Recife, 2006.

VÁSQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VEIGA. Ilma Passos Alencastro. Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata. In: VEIGA. Ilma Passos Alencastro. **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008. Cap.10. p. 267-298.